

Crise no ES chega ao quinto dia sem previsão de acabar

Governo capixaba chama paralisação da PM de ‘chantagem’; já são 76 mortes registradas

Enquanto tropas federais começam a tomar as vazias ruas da Região Metropolitana de Vitória, a crise de Segurança Pública – em decorrência da paralisação do patrulhamento pela Polícia Militar – só aumenta e chega ao seu quinto dia sem previsão de desfecho.

O número de mortos chegou a 76 até as 21h30m de ontem, o Departamento Médico-Legal continua superlotado e o confronto entre oficiais da PM e representantes do governo estadual se intensifica, com acusações dos comandantes e ameaças de insubordinação da tropa, deixando improvável uma solução rápida.

Segundo o presidente do Sindirodoviários do Espírito Santo, Edson Bastos, os ônibus não circularão na Grande Vitória, nesta quarta-feira. Em post publicado na noite desta terça-feira em seu Facebook, ele esclarece que após autorizar que parte da frota circulasse pela região, motoristas de ônibus ficaram expostos à violência que assusta o estado e, por isso, não vão tirar os carros da garagem. Segundo Edson, membros da categoria tiveram armas apontadas para cabeça e sofreram assaltos.

As autoridades do estado promoveram uma ofensiva ontem contra a paralisação. O secretário de Segurança, André Garcia, classificou como “chantagem” e “teatro” o movimento liderado por mulheres dos oficiais, que bloqueiam as entradas dos batalhões.

– O movimento que vem sendo realizado é irresponsável. Tem apostado no caos para tentar, colocando a sociedade de

joelhos, pressionar o governo. São cenas revoltantes e ridículas. O movimento não quer conversar. Quem acha que rompemos o diálogo está enganado – disse o secretário.

Ao mesmo tempo, a Justiça do Espírito Santo determinou a retomada das atividades até as 16h, o que não ocorreu. À noite, a Secretaria de Segurança informou que quatro batalhões (o grupo tático Rotam e os das cidades de Vila Velha, Cachoeiro do Itapemirim e São Mateus) voltariam às atividades ainda na noite de ontem.

Não ficaram sem resposta. Policiais ligados às quatro associações de PMs e Bombeiros do estado negaram que integrantes dos batalhões de Vila Velha e São Mateus tenham voltado às ruas. As declarações do secretário de Segurança foram recebidas como fim de linha para uma negociação com o governo. E oficiais das associações dizem ainda que os policiais estão dispostos inclusive a serem presos em função do descumprimento da decisão da Justiça. Eles argumentam que não estão no comando do movimento que deixou as ruas sem policiamento e, portanto, a decisão não faz sentido. Os policiais negam estar em greve, o que é proibido pela legislação militar.

– Esta declaração do secretário é absurda, de quem não quer conversar. A categoria luta por melhores salários há mais de um ano. Agora, este movimento não é, e não é mesmo, oriundo das nossas associações. É um movimento das mulheres de policiais, que inclusive rechaçam nossas associações nos debates com o governo – diz o capitão Elizandro, da Associação de Oficiais da PM do Espírito Santo.

O governo capixaba não acredita que a paralisação seja fruto do bloqueio dos batalhões, sem anuência dos oficiais com suas mulheres – é a isso que o secretário de Segurança se referiu como “teatro”. Na última segunda-feira, ele demitiu o comandante-geral da PM que havia sido empossado 21 dias antes. O novo comandante, Nylton Rodrigues, assumiu com uma dupla

missão: dar fim à paralisação e comandar uma investigação que produza provas de que policiais estão por trás do movimento que parou o estado.

Por ora, não conseguiu êxito em nenhuma. Ontem à tarde, ele recebeu um grupo de dez parentes de PMs que estão acampados em frente ao quartel do Comando-Geral em Vitória, e a reunião terminou como começou, sem acordo. Todas as mulheres acampadas em frente aos batalhões ouvidas pelo GLOBO sustentam que o movimento foi iniciado por elas, não tem o comando dos maridos e não arrefecerá se o governo não atender, especialmente, o pedido de aumento salarial. O primeiro batalhão ocupado, ainda na manhã de sexta, foi o de Serra, cidade na região metropolitana. Desde então, o movimento se espalhou, principalmente por grupos de WhatsApp e, no sábado à noite, já era generalizado no Espírito Santo.

– Nós nos comunicamos entre a gente, cada grupo que está em cada batalhão. Somos um coletivo, não temos liderança –afirmou ao GLOBO Angela Souza Santos, uma das que participaram da infrutífera reunião com o comandante-geral da PM.

Fonte: O Globo.

“Informação publicada é informação pública. Porém, para chegar até você, um grupo de pessoas trabalhou para isso. Seja ético. Copiou? Informe a fonte.”

Publicado por Jornal Folha do Progresso, Fone para contato 93 981177649 (Tim) WhatsApp:-93- 984046835 (Claro) E-mail:folhadoprogresso@folhadoprogresso.com.br